



## EDUCAÇÃO ALIMENTAR EM ESCOLAS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Fausta Wanessa da Silva<sup>1</sup>; Maria do Carmo de Caldas Dias Costa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Bolsista FACEPE no Museu de Arqueologia da UNICAP, [soufausta@gmail.com](mailto:soufausta@gmail.com);

<sup>2</sup>Coordenadora do Museu Arqueologia da UNICAP (Orientadora), [mcarmoc@hotmail.com](mailto:mcarmoc@hotmail.com).

### Introdução

Entre as décadas de 40 e 60 acreditava-se que o nível de educação seria o fator determinante para a fome e desnutrição da população de baixa renda. A partir dos anos 70 a perspectiva de análise mudou e a renda, não mais a educação, passou a ser responsável por essa má nutrição. Na década de 80, analisando a educação alimentar por nova perspectiva, uma importante contribuição à discussão foi feita, onde a educação de forma isolada foi considerada incapaz para promover mudanças nas práticas alimentares. Precisava-se, portanto, de um compromisso político para pôr a serviço das classes populares a produção técnica e científica, fortalecendo a lutar contra a fome e a desnutrição (SANTOS, 2005).

Os padrões alimentares mudaram nas últimas décadas e as crianças apresentam contínuo aumento de peso devido à pouca atenção com a dieta infantil. A orientação sobre alimentação e nutrição é importante para promover hábitos alimentares mais saudáveis, tanto no que diz respeito ao volume do alimento consumido, quanto ao seu valor nutricional. Uma boa educação alimentar possibilita qualidade de vida e melhoria do desenvolvimento físico e cognitivo (TRICHES, 2005; ALMEIDA, 2012).

Vygotsky (1896-1934) a partir de seus estudos, observou como o mundo externo reflete-se no interior de cada indivíduo, concluiu, então, que o aprendizado é realizado através da interação do indivíduo com a sociedade. Segundo ele o indivíduo internaliza as reproduções sociais e culturais e o aprendizado se dá através do seu contato com outros e com o meio em que está inserido. Pietruszynski, mapeando a importância do aprendizado pela interação do indivíduo com a sociedade, considerou que práticas pedagógicas interacionistas direcionadas à saúde alimentar são opções para efetivar a promoção de uma educação alimentar dentro da escola (SOUZA, 1991; PIETRUSZYNSKI, 2010).

A presente pesquisa teve como objetivo promover uma análise preliminar de como a educação alimentar vem sendo promovida para alunos do ensino fundamental de escolas privadas e públicas da Região Metropolitana do Recife.





## **Metodologia**

Para desenvolvimento do trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica sobre alimentação humana, entre o período de 1991 e 2017. Visando o levantamento de dados acerca da forma que o tema educação alimentar é tratado em ambiente escolar, dez escolas, sendo cinco públicas e cinco privadas, selecionadas aleatoriamente, foram visitadas e em todas foi registrado a ação de professores quanto a existência de projeto para a “Educação Alimentar na escola”; a forma como o tema vem sendo trabalhado; ações práticas realizadas na escola visando a educação alimentar; o número de horas dedicadas a discussão do tema; as formas de avaliação do aprendizado dos alunos; se os professores sentiam-se preparados para ensinar educação alimentar; qual a forma de preparo para o tema e qual o interesse dos professores em participar de capacitações para essa finalidade.

Para análise de como a Educação Alimentar vem sendo trabalhada em livros didáticos, dez livros de ensino fundamental, do período de 2012 a 2016, utilizados no ensino fundamental foram analisados. Os livros apresentados eram utilizados por alguns dos professores das escolas visitadas e os demais foram selecionados aleatoriamente. Os seguintes livros foram analisados: Eduardo Leite do Canto – Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano – 8º ano (2012); Ana Maria Pereira – Ciências Projeto Apoema – 6º ano (2013); Edições Educativas da Editora Moderna – Araribá plus ciências – 8º ano (2014); João Batista – Aguillar Para Viver Juntos – 8º ano (2014); Eduardo Martins, Demétrio Gowdak – Ciências novo pensar – 8º ano (2015); Fernando Gewandszajder – Projeto Teláris : ciências – 8º ano (2015); João Usberco et al. – Companhia Das Ciências – 8º ano (2015); Renata Moretti – Nos Dias de Hoje – 8º ano (2015); Leticia Lederman – Tempo de ciências – 8º ano (2016); Miguel Thompson, Eloci Peres Rios – Observatório de Ciências – 8º ano (2016).

## **Resultados e discussão**

A partir do momento que o valor nutricional passou a orientar as estratégias alimentares, a discussão sobre a educação alimentar e nutricional se intensificou. A escola passou a ser vista como um espaço privilegiado para a construção e consolidação de práticas alimentares saudáveis em crianças, por ser um ambiente onde atividades voltadas à educação em saúde podem apresentar grande repercussão. Um acompanhamento responsável desde a escola possibilita a permanência de hábitos saudáveis ao longo da vida. Cursos de educação nutricional exerceriam um papel fundamental se oferecidos aos adultos responsáveis, viabilizando a integração do estudo em sala de aula com a rotina fora da escola e com os familiares. A incorporação dos pais no processo educativo



facilita o estabelecimento de hábitos saudáveis, já que o núcleo familiar é responsável por grande parte das características sociais e culturais que moldam o indivíduo. Levar a educação alimentar como tema para dentro de sala de aula e utilizando a merenda como ferramenta pedagógica, a independência e capacidade da criança para compor a própria alimentação é estimulada. Através de atividades que promovam a educação nutricional, a escola torna-se um componente importante para a conscientização desde cedo sobre a saúde alimentar (DAVANÇO, 2004; BERTIN 2010; YOKOTA, 2010; BRACKMANN, BRAUWERS, FERREIRA, 2017).

Os resultados das visitas às escolas públicas e privadas da Região Metropolitana do Recife mostrou que existe uma carência de atividades que promovam a educação alimentar. Em 100% das escolas privadas visitadas não havia projeto específico para educação alimentar. Em 20% delas o tema sequer é abordado. As escolas que promovem a educação alimentar, de alguma forma, o faz em apenas uma ou duas aulas bimestrais, em sala de aula (50%) ou através de aulas práticas (50%) e avaliam os alunos sobre o tema preferencialmente através de apresentação de trabalhos (75%) e feiras de ciências (25%) (Figura 01). Quanto a capacitação dos professores, 50% deles consideram-se preparados para promoverem a educação alimentar na escola por terem participado de seminários e palestras sobre o tema. Setenta e cinco por cento dos professores mostrou interesse em participar de novas capacitações.

Em 80% das escolas públicas visitadas não existia projeto específico para educação alimentar. Em 20% delas o tema sequer é abordado. Considerando-se apenas as escolas que promoviam a educação alimentar de alguma forma (80% das escolas), verificou-se que o fazem através de aulas teóricas e avaliam os alunos preferencialmente através de feiras de ciências e apresentação de trabalhos. Nas escolas onde hortas são utilizadas como recurso pedagógico, não é enfatizado o valor nutricional das plantas cultivadas. As hortas servem como recurso para educação ambiental. (Figura 1). Quanto a capacitação dos professores, 100% deles consideram-se preparados para promoverem a educação alimentar na escola, ainda que não tendo realizado nenhum curso específico para tal. Apenas 25% dos professores mostrou interesse em participar de novas capacitações.

A análise dos livros didáticos de ensino fundamental mostrou que a educação patrimonial é abordada a partir do oitavo ano com o conteúdo sendo trabalhado em um ou dois capítulos. De modo geral, o conteúdo refere-se à nutrição, significado, tipos e benefícios dos nutrientes, sintomas e doenças decorrentes da falta de determinados nutrientes e orientações para uma dieta saudável.





Citam doenças como diabetes, obesidade e alguns distúrbios alimentares, como sequelas da alimentação inadequada.

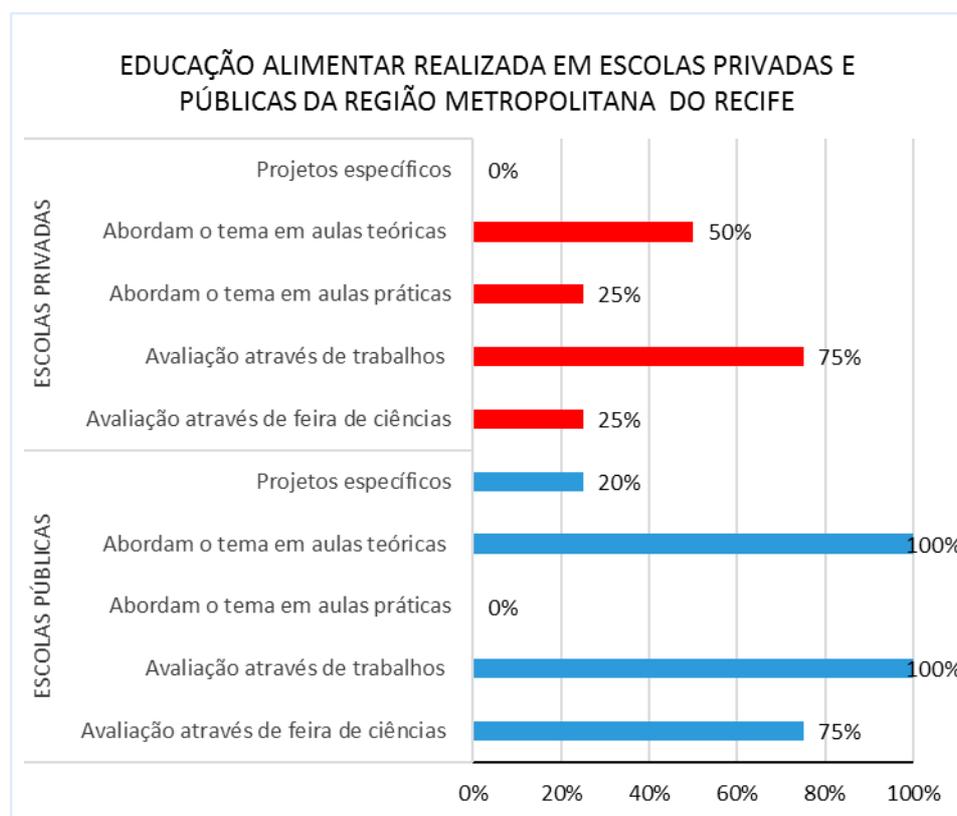


Figura 1. Quadro comparativo da Educação Alimentar realizada em escolas públicas e privadas da Região Metropolitana do Recife

## Conclusão

Através do estudo foi possível concluir que embora vários pesquisadores alertem para a necessidade de uma boa alimentação desde cedo, colocando o papel da família como primordial no desenvolvimento de bons hábitos alimentares e destacando, também, a importância da escola como um espaço propício para a educação alimentar, nas escolas públicas e privadas da Região Metropolitana do Recife que fizeram parte do estudo, a educação alimentar vem sendo feita de forma superficial, com o tema sendo abordado preferencialmente em poucas aulas de ciências, não havendo projetos específicos para este fim, na maioria delas. Também não foram verificadas ações educativas desenvolvidas pelas escolas em parceria com as famílias de modo a tornar a educação alimentar um tema relevante na formação dos escolares.



## Referências

- AGUILLAR, João B; SIGNORINI, Paula. **Para Viver Juntos**. 3. ed. São Paulo: SM edições, 2014.
- ALMEIDA, Ana Lúcia de. Hábitos Alimentares na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos** V.3, n.2, p.31-41, 2012.
- BERTIN, Renata Labronici. Estado nutricional, hábitos alimentares e conhecimentos de nutrição em escolares. **Revista Paulista de Pediatria**. 28(3):303-8. 2010.
- BRACKMANN, Michele; BRAUWERS, Sabrina Plack; FERREIRA, Pamela Fantinel. Alerta sobre a quantidade de açúcar, gordura e sódio em alimentos industrializados para crianças do ensino fundamental. **Salão do Conhecimento**, v. 3, n. 3, 2017.
- CANTO, Eduardo Leite do. **Ciências Naturais: aprendendo com o cotidiano**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- DAVANÇO, Giovana Mochi. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. **Revista de Nutrição**. 17(2):177-184, abr./jun., Campinas, 2004.
- GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Projeto Teláris: ciências**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2015.
- GOWDAK, Demétrio Ossowski; MARTINS, Eduardo Laviere. **Ciências novo pensar**. 2. ed. São Paulo: Editora FDT, 2015.
- LEDERMAN, Leticia; DOLIVAL, Francisca Carvalho. **Tempo de ciências**. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.
- MODERNA, Edições Educativas da Editora. **Araribá plus ciências**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2014.
- MORETTI, Renata. **Nos Dias de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Editora Leya, 2015.



PEREIRA, Ana Maria; SANTANA, Margarida; WALDHELM, Mônica. **Projeto Apoema ciências**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

PIETRUSZYNKSI, Ellen B. Práticas pedagógicas envolvendo a alimentação no ambiente escolar: apresentação de uma proposta. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 13, n. 2, p. 223-229, maio./ago. 2010.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição** – ISSN 1415-5273, p. 681-692. 2005.

SOUZA, Solange Jobim. **O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais**. Cad. Pesq. (77). 1991.

THOMPSON, Miguel; RIOS, Eloci Peres. **Observatório de Ciências**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2017.

TRICHES, Rozane Márcia. Obesidade, práticas alimentares e conhecimentos de nutrição em escolares. **Revista Saúde Pública**, vol.39 n. 4, São Paulo. 2005.

USBERCO, Joao et al. **Companhia Das Ciências**. 3. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.

YOKOTA, Renata Tiene de Carvalho et al. Projeto” A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis”. **Revista de Nutrição**, Campinas, 23(1):37-47, jan./fev., 2010.

